



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**CELI NELZA ZULKE TAFFAREL**

**(depoimento)**

**2005**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias  
**Número da entrevista:** E-101  
**Entrevistado:** Celi Nelza Zulke Taffarel  
**Nascimento:** Não informado  
**Local da entrevista:** São Leopoldo/RS  
**Entrevistadores:** Camile Romero  
**Data da entrevista:** 02/04/2005  
**Transcrição:** Camile Romero  
**Conferência Fidelidade:** Camile Romero  
**Copidesque:** Johanna Coelho von Mühlen  
**Pesquisa:** Vicente Cabrera Calheiros  
**Fitas:** (01 fita) 101/01-A e 101/01-B  
**Total de gravação:** 32 minutos  
**Páginas Digitadas:** 9  
**Catálogo:** Vera Maria Sperangio Rangel  
**Número de registro:** 01964/2008/01  
**Número de registro da fita:** 01964/2008/01  
**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. *Celi Taffarel (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

## **Sumário**

Envolvimento com a ESEF-UFRGS, participação como aluna da graduação: uso de uniforme, infra-estrutura e organização curricular da época (década de 70). Mestrado em Santa Maria e convênio com a ESEF-UFRGS (LAPEX). Doutorado na Escola paralelo ao doutorado também na UNICAMP. Interesse pela pesquisa na área do “currículo”. Participação como professora do Programa Especial de Treinamento e como convidada em mesas, debates e bancas de trabalhos de pós-graduação. Envolvimento com Movimento Estudantil Revista Movimento, Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Discussão sobre a nova proposta de separação do curso de Educação Física em Bacharelado e Licenciatura. Preocupação com as discussões políticas dentro das Universidades Públicas.

São Leopoldo, 02 de abril de 2005. Entrevista com Celi Taffarel, a cargo da entrevistadora Camile Romero, para o Projeto ESEF 65 anos, do Centro de Memória do Esporte.

C.R. - Dona Celi, nós podemos começar com a senhora nos contando um pouco do seu envolvimento com a Escola, desde a sua entrada, até os dias...

C.T. - Eu vou relatar o meu envolvimento com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, especificamente com a Escola de Educação Física, a partir de sete dimensões. Eu vou me localizar nesta história enquanto estudante da graduação, da pós-graduação, enquanto professora envolvida com atividades da graduação, da pós-graduação, enquanto professora pesquisadora envolvida nas atividades da Revista Movimento<sup>1</sup>, enquanto pesquisadora do CNPq<sup>2</sup>, enquanto dirigente de atividade científica, enquanto dirigente de entidade sindical e, fundamentalmente, enquanto uma professora que hoje se localiza no nordeste do Brasil e continua mantendo, direta ou indiretamente um envolvimento com a Escola Superior de Educação Física. Envolvimento este que se dá, tanto por uma via mais formal, como também por uma via menos formal, menos institucionalizada. Como estudante, eu sou do interior, sou de Santa Rosa<sup>3</sup>, na fronteira com a Argentina, e sou daquelas que como a maioria dos jovens, visualizava que teria que estudar na capital, porque nós não tínhamos universidade no interior, nós tínhamos faculdade. E, realmente, eu ingressei numa faculdade no interior. Eu fazia um curso superior: licenciatura na área das ciências exatas e da natureza, mas o meu olhar já como uma trabalhadora – eu trabalhava na Companhia Riograndense de Telecomunicações<sup>4</sup>, que era uma entidade pública, tratava dos serviços de telecomunicações... Eu fiz concurso público, fui uma das melhores colocadas, o que me deu oportunidade também de solicitar uma transferência do interior para a capital, quando eu passei no vestibular. Eu faço vestibular para área de saúde, eu poderia ter ingressado em outro curso da área da saúde, eu tinha score. Naquela época era assim. Mas fiz a minha opção pela educação física. Um dos primeiros impactos que eu tive quando eu ingresso na Escola de Educação Física da UFRGS, foi no momento da matrícula ela era geral, de todos os estudantes. Foi quando, pela primeira vez, eu tive contato direto com um computador. Isso na década de 70... A UFRGS já fazia a matrícula com computadores. O segundo

---

<sup>1</sup> Revista da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

<sup>2</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

<sup>3</sup> Cidade do Rio Grande do Sul

impacto foi com a questão do teste físico. Havia uma exigência do teste físico, mas já nessa época, essa exigência já não era tão rigorosa, à medida que os professores questionavam e já tinha este debate sobre a necessidade ou não de se fazer teste físico, mas isso marcou um pouco. No percurso enquanto aluna da graduação, o que marca a minha passagem pela UFRGS, é que eu era uma aluna trabalhadora. Eu trabalhava à noite. Eu saía do meu trabalho em torno de uma hora da manhã e às cinco e meia, seis horas, eu já tinha que levantar para pegar o ônibus para me dirigir à UFRGS, aonde as aulas começavam cedo. Eu fazia disciplinas básicas e também fiz disciplinas técnicas. Das disciplinas básicas, o forte era as disciplinas da área da saúde e eu me lembro que nós tínhamos aula lá no curso de medicina, tínhamos que lidar com cadáveres, aquilo também me impactava muito! E eu já começava a questionar: Por que eu tenho que estudar os mortos para entender o movimento dos vivos? E já naquela época, considerava que para entender os músculos, as articulações, os ossos, os sistemas vitais, eu teria que olhar muito mais o homem e suas razões para a atividade corporal, as atividades físicas, movimentar-se, do que ter que estudar a partir de um homem morto. Impactava muito aqueles cadáveres. E, normalmente, cadáveres de pessoas pobres, negros, índios, bugres. Era uma coisa que me marcou muito! Nas disciplinas técnicas, o que marca, era, na época, o fato de que nós não tínhamos instalações como nós temos hoje. Nós não tínhamos parque aquático, nós não tínhamos piscina, nós tínhamos um tanque, enfim, esta infra-estrutura para uma Escola Superior, era precária. Além disso, nós tínhamos um regime, uma disciplina que se diferencia de hoje. Nós tínhamos que usar uniforme – que eu considerava muito bonito inclusive. Um uniforme azul. Nós tínhamos sacola, nós tínhamos com o nome da... Ou seja, nós aprendíamos desde cedo a sermos disciplinados, a cultuarmos os símbolos da pátria: o hino, a bandeira e também aprendíamos desde cedo a respeitar a nossa instituição. E esse respeito vinha por essa disciplina. As exigências iam desde o horário, o uniforme, o domínio do conhecimento – que era um conhecimento predominantemente técnico. Isso demarca, portanto, a minha passagem com estudante da graduação... Mas eu retorno à UFRGS como estudante da pós-graduação, quando faço mestrado em Santa Maria<sup>5</sup>, e Santa Maria tem um convênio com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para que os mestrandos de lá viessem fazer estágio aqui no laboratório, no LAPEX<sup>6</sup>. Ali foi uma passagem também, onde tive oportunidade de estudar e fazer vivências, e experiências...

---

<sup>4</sup> CRT

<sup>5</sup> Cidade do Rio Grande do Sul

Minha outra passagem como estudante na Universidade Federal do Rio Grande do Sul foi no início da década de 90, fim de 80, quando eu passo no doutorado aqui na UFRGS de Porto Alegre<sup>7</sup>. Me interessava a área de currículo e eu passei aqui um semestre, porque eu passei também na UNICAMP<sup>8</sup>. Então, eu fazia doutorado na UNICAMP e também aqui, porque eu queria cumprir créditos na disciplina ligada à área de currículo... A Mírian Bordas<sup>9</sup> foi a minha orientadora na época. Fiz disciplinas do currículo onde consegui adquirir um conhecimento, que eu considero extremamente importante, e que me vale até hoje, sobre os estudos acumulados acerca do currículo, as grandes abordagens, as grandes linhas de pensamento. Terminei esta fase, eu pedi trancamento na UFRGS e me dediquei só aos estudos de doutorado na UNICAMP... Concluo o meu curso de doutorado na UNICAMP e volto para Pernambuco<sup>10</sup>, da onde eu saí como professora. Muito bem! O meu envolvimento como professora da ESEF-UFRGS, ele se dá através de três vias: a primeira via é a graduação que se materializa quando eu sou convidada para participar do Programa Especial de Treinamento<sup>11</sup>. Então eu vinha para cá, dava aula, dava cursos e assim eu tive relação com estudantes, entre os quais, a estudante Nair Casagrande, que era envolvida com o grupo PET e que posteriormente faz concurso público e vai trabalhar na Federal de Pernambuco – depois de passar por um estágio na graduação e de eu contribuir na orientação do mestrado dela. Ela fez concurso público, agora já na Federal da Bahia<sup>12</sup> e vai trabalhar comigo. A outra entrada como professora na UFRGS, especificamente na ESEF, é compondo bancas examinadoras do Programa de Pós-graduação da Educação Física. Tem uma outra entrada minha na UFRGS, que é compondo banca e compondo mesas de debates, de palestras, pela via da Educação. Eu não entro na UFRGS só pela Educação Física, eu entro também pela Educação. E, ainda como professora, a outra via de entrada na ESEF, é pela via do Movimento Estudantil. O Movimento Estudantil debate e dialoga muito comigo, e nesse sentido eles me chamam, eles me convidam e eu venho colaborar na elaboração das posições políticas do Movimento Estudantil. Muito bem, então essas são as minhas relações, que eu considero relações importantes, que eu considero relações sólidas, que eu considero relações que contribuem, tanto para a minha vida

---

<sup>6</sup> Laboratório de Pesquisa do Exercício, fundado em 1973

<sup>7</sup> Capital do Rio Grande do Sul

<sup>8</sup> Universidade de Campinas.

<sup>9</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>10</sup> Estado Brasileiro

<sup>11</sup> PET – Atualmente chamado de Programa de Educação Tutorial

<sup>12</sup> Estado Brasileiro

peçoal, enquanto profissional que desempenha atividades no nordeste do Brasil, quanto eu acredito também contribuí aqui para formação. A outra relação que eu tenho com a UFRGS e a ESEF, é pela via da Revista Movimento. Eu fui convidada primeiro para compor a comissão editorial e segundo lugar, no primeiro número da Revista, eu fui convidada para polemizar com o professor Adroaldo Gaya<sup>13</sup>, na resposta sobre: “Mas afinal, o que é educação física?” O editor-chefe da Revista, inteligentemente percebeu que existem diferentes posições e que aprofundavam-se diferenças entre um coletivo, que se reconhecia como um coletivo que desenvolvia as propostas explicativas para a Educação Física, num campo mais político. Ao perceber isto, eles chamaram para polemizar e essa polêmica se desdobra no número subsequente com outros profissionais de renome da área se envolvendo com essa polêmica, como Ghiraldelli<sup>14</sup>, Valter Bracht, etc, etc... O Lovisolo<sup>15</sup>, o Santin<sup>16</sup> e aí você vai ver, o Gabriel Palafox<sup>17</sup> e você vai ver portanto que aquilo gerou um marco na discussão da nossa área. Até hoje ainda eu dou parecer para artigos da Revista, etc. Então, eu tenho uma relação ali, contribuindo com a divulgação. [espirro]- Desculpa.- Outro envolvimento meu com a ESEF-UFRGS, ela se dá via CNPq, por que? Porque nós somos pesquisadores do CNPq. Eu sou pesquisadora de produtividade, eu sou consultora “add doc” do CNPq e também porque é imprescindível a ciência. É importante nós conhecermos o que se desenvolve... Eu acompanho os trabalhos que são desenvolvidos na UFRGS de Porto Alegre. Eu procuro acompanhar quais são as linhas na pós-graduação, quais são os grupos de pesquisa, o que estes grupos de pesquisa estão pesquisando... Para situar esta contribuição da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no contexto da produção teórica da nossa área no Brasil. Então, como a UFRGS recebe recursos público, para ser um centro de excelência, ela tem uma responsabilidade social. E nós, pesquisadores de outras regiões, temos que ter a responsabilidade de conhecer o que se produz e também de ter uma posição crítica, sobre como o dinheiro público está sendo empregado. Para produzir o que? Para servir a que? Então, isso é uma relação que eu mantenho com a UFRGS. Uma outra que mantenho, e que mantive com a ESEF, foi através de trabalhos que professores da ESEF abraçaram junto comigo. Por exemplo, dirigir entidade científica. Eu dirigi o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e

---

<sup>13</sup> Adroaldo César Araújo Gaya

<sup>14</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>15</sup> Hugo Lovisolo.

<sup>16</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>17</sup> Nome sujeito a confirmação.

compôs a minha direção, o professor Adroaldo Gaya, por exemplo, ele era diretor administrativo numa gestão. Portanto... Ou era diretor científico? Me falha a memória, depois tem que pegar nesse período e verificar. Portanto, nós tínhamos uma relação de trabalho com professores da UFRGS e esta minha relação também vai se dar quando eu assumir, não mais a presidência do CBCE, mas o GTT, grupo de trabalho. Esse grupo de trabalho do CBCE, sob formação profissional, tem colegas da UFRGS, como o Molina<sup>18</sup> e os orientandos do Molina. Portanto as nossas relações, elas continuam se dando. A outra relação que eu tenho, e daí já é a sexta relação com a ESEF-UFRGS, com a Universidade, ela se dá no plano sindical. Eu assumi cargo no maior sindicato de professores da América Latina, que é o Anti-Sindicato Nacional, compus o bloco da tesouraria, depois numa outra gestão, compus o bloco da secretaria geral, eu era secretária-geral do Anti-Sindicato Nacional, e, portanto, aqui na UFRGS, tinha uma sessão sindical – que se chama Associação de Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ela é base do Anti-Sindicato Nacional... Os acontecimentos do ponto de vista sindical de dentro da UFRGS, eu acompanhava, entendeu? Na minha condição de secretária-geral do Anti-Sindicato Nacional... Qual é o movimento por dentro da UFRGS, no que diz respeito à defesa das reivindicações dos trabalhadores, dos docentes do ensino superior, quais são as posições por dentro da UFRGS que desembocam no sindicato em relação à concepção de Universidade, no que diz respeito à concepção de Estado, no que diz respeito à concepção das políticas governamentais, das reformas, da política salarial, da recuperação do poder do Estado. Tudo isto eu, em função de ser secretária-geral do Anti e, portanto, ser uma das articuladoras dos trabalhos das sessões sindicais, eu tinha que acompanhar. Então, por exemplo, o período que eu fui secretária-geral, as posições que a UFRGS levava, eram posições questionáveis. Daí, eu me perguntava sempre: Cadê os professores críticos da Universidade, especificamente da Escola Superior de Educação Física? Na elaboração das políticas sindicais, para se confrontar com as políticas governamentais que destroem a universidade pública. Onde está a força do corpo docente que se coloca numa perspectiva crítica para barrar a privatização? Para barrar os cursos pagos, para barrar o pagamento de taxas, para barrar a extensão paga e assim por diante? Essa é outra relação que eu tenho. Por fim, a sétima relação que eu quero destacar, é a que se construindo ao longo dos anos. Ela fez com que estudantes aqui do sul do país e também da UFRGS se interessassem fazer estágio com a gente, em trabalhar. Eu recebi estudantes da UFRGS para fazer estágio

---

<sup>18</sup> Vicente Molina Neto



comigo e hoje eu posso contar com ex-estudantes da UFRGS que são meus colegas de trabalho. Essa é uma relação que não tem um convênio formal, tem um programa de vida e isso é importante. Portanto, nestas sete dimensões da minha relação, eu posso dizer que no momento que eu coloco os meus pés por dentro da UFRGS, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, eu nunca mais os retirei, nunca mais! E essa semana que eu estive aqui, é uma semana que me permite demonstrar isso. Eu fiz cinco atividades acadêmicas: primeira atividade acadêmica, banca no programa de educação; segunda atividade, debate sobre reforma universitária com os professores da Universidade; terceiro lugar, movimento estudantil e o debate com os estudantes para prepará-los na perspectiva de estarem indo para o Encontro Nacional; quarto lugar, projeto de estudo de uma dissertação de mestrado, fonte de dados acerca da polêmica sobre diretrizes curriculares; quinto lugar, este depoimento que a gente dá agora, que é um depoimento que vai ficar no Centro de Memória<sup>19</sup> e que demonstra que tudo que nós acumulamos é fruto de um trabalho intenso e da clareza que a gente tem do que significa uma universidade pública, do que significa responsabilidade social desta universidade, do que significa mesmo vocês estando num dos maiores bolsões de miséria da América Latina, como é o Nordeste brasileiro, você não perder raízes e vínculos com aquilo que a gente tem de melhor no nosso país. E o que nós temos de melhor no nosso país em termos de educação, é a educação pública, entre os quais, a da UFRGS.

C.R. - Então dona Celi, a senhora poderia continuar agora o seu relato falando sobre o currículo, as mudanças curriculares... Alguns detalhes...

C.T. - Bem, eu gostaria de pontuar duas dimensões que são fundamentais, porque são problemáticas vitais e perpassam a nossa história. Uma delas é a questão da compreensão de universidade, do papel da universidade e se alguns anos atrás, quando eu ingresso na UFRGS, a gente tinha um sentido muito mais forte de universidade enquanto um patrimônio público, o que diferencia para hoje é o fato de que foram se perdendo coisas importantíssimas e que foram tirando o caráter público da educação superior. O restaurante universitário, a assistência estudantil e uma série de conquistas, elas vieram ao longo do tempo se perdendo e nós temos hoje uma diferenciação do tempo em que eu entro na UFRGS. Hoje, a UFRGS está muito mais privatizada por dentro. Hoje a UFRGS está junto

---

<sup>19</sup> Centro de Memória do Esporte da ESEF-UFRGS

com as demais universidades brasileiras passando por uma grande, grande ameaça, que é tirar este caráter público dela. E essa ameaça vai se consolidando agora com essa proposta de reforma universitária. E aí o que eu percebo? Eu percebo pouco debate dentro da ESEF sobre isto. E isto me preocupa, porque se não houver o debate, o esclarecimento, a mobilização, a organização, o enfrentamento, nós vamos perder este grande patrimônio. E esse patrimônio não pode ser perdido por quê? Porque ele é o lastro de um sistema de ciência e tecnologia. E esse lastro de ciência e tecnologia, é uma questão de vida ou morte das nações que se querem soberana. Nós vamos perder completamente nossa soberania se nós não tivermos este lastro. E esse lastro, é um lastro que forma um povo. É nesse lastro que vamos formar as crianças que entram no sistema educacional, que desde a pré-escola, ao ensino básico fundamental, ensino médio, vão se formar. Imagina? Formar gerações e gerações sem este lastro! Mas este lastro depende de universidades. Que universidades? As públicas. Mas quaisquer públicas? Públicas com caráter de público. Aonde a educação é gratuita, laica, de qualidade, socialmente referenciada, que tem um padrão nacional dessa qualidade. Isto eu queria chamar a atenção. No meu ponto de vista, tem que ter mais força, mais vigor, mais ânimo, mais determinação tanto do corpo docente, quanto do corpo discente para lutar pelo público. Por isso que formou a gente... No que diz respeito à questão curricular, eu percebo hoje, um processo de desqualificação e destruição, contraditoriamente, quando você chega e olha na aparência, a gente fica extasiada e admirada de ver o quanto, do ponto de vista da infra-estrutura, a UFRGS evoluiu. A ESEF evoluiu. Ela tem um excelente parque aquático, ela tem laboratórios, ela tem ginásios, equipamentos, etc. Ótimo! A gente olha e vê. Ela tem professores titulares, a maioria dos professores são professores com doutorado, pós-doutorado, a gente vê, tem uma produção do conhecimento, tem revistas, tem publicações, tem eventos, tem projetos. Mas o que está acontecendo? A gente olha e vê, tem três currículos. Então o que está acontecendo? Estão sendo formados três perfis de profissionais, três cursos ali dentro de um único objeto, ou seja, a cultura corporal! Ou, se não querem chamar de cultura corporal, as atividades físicas! Mas não querem chamar de atividades físicas... Movimento humano! Mas não querem chamar de movimento humano... Motricidade humana! Chamem do que quiserem, o problema todo é de que quando nós vamos para a história, recuperamos como se constrói esse objeto, nós vamos ver que ele é constituído pelas atividades corporais, que tem sentido e significado ao longo da história e constitui portanto a cultura humana e por isso nós defendemos, a cultura corporal, que vai ser tematizada, que vai ser pedagogizada, que vai

ser tratada num currículo de formação de professores. Estamos vivendo um momento que tem uma necessidade imperiosa do capital recompor suas forças. E, para isso, ele tem que recompor a formação dos trabalhadores, é estratégico... A mediação está sendo feita pelas diretrizes curriculares. As diretrizes curriculares estão apontando para dois cursos, mas isto significa em última instância, desqualificar o trabalhador no seu processo de formação. Já saem trabalhadores ou que dominam uma coisa, ou que dominam outra. E, portanto, diferenciados, e ao diferenciar, pode se diferenciar salários. Eu vejo que a UFRGS de Porto Alegre está cometendo um equívoco histórico em não assumir aquilo que caracteriza a atividade do professor de educação física, que é o trato com conhecimento da cultura corporal, com determinada finalidade de acordo com os campos de trabalho em que você vai te inserir. A UFRGS erra, a ESEF erra quando ela adere a uma proposta curricular que pretende desenvolver competências e habilidades para o mercado de trabalho e daí vem outro problema: esse mercado hoje é regulado. Apesar de vivermos num momento histórico, então aonde está se desregulamentando o trabalho, para gerar mais lucros para o capital, na nossa área se regulamenta o exercício profissional. E isto é uma mediação entre os interesses do capital e as práticas corporais... A UFRGS de Porto Alegre se subordina a esta mediação feita pelo sistema CREF-CONFED<sup>20</sup>, aceita essas diretrizes curriculares e com isto, no meu ponto de vista, ela apesar de toda a infra-estrutura do corpo docente, dos projetos, está com um projeto político-pedagógico equivocado e atrasado que desqualifica os professores na sua formação acadêmica. O que diferencia os três cursos que a UFRGS tem lá por dentro de educação física agora, na essência? O que diferencia? É a negação de conhecimento de um para o outro! E não é assim que nós devemos formar as futuras gerações, as novas gerações, os profissionais. Nós temos que garantir uma consistente base teórica, isso significa que nós só podemos ensinar se nós pesquisamos, essa consistente base teórica tem que estar na perspectiva de uma política global de formação, ou seja, tem que desenvolver a dimensão científica, técnica, pedagógica, ética, moral, política, para que? Para que este professor possa atuar em campo que vão se expandindo e se diferenciando. O campo da educação, o campo do lazer, o campo da saúde, o campo do treino competitivo de alto rendimento e assim por diante. Portanto, eu percebo que nós temos problemas na UFRGS de Porto Alegre, no que diz respeito ao currículo de formação das novas gerações. Isso significa que o projeto político-pedagógico da ESEF precisa ser questionado e quem tem que fazer isso são os estudantes, é o movimento estudantil, é o

---

<sup>20</sup> Conselho Regional e Federal da Educação Física.

movimento docente. Para que? Para que a gente consiga sim, a partir de todo esse investimento público que é feito aqui, termos um projeto político-pedagógico avançado, nós não podemos mais estar formando as novas gerações sem ter o horizonte histórico. E eu constato que quando a gente fala com os jovens...

[FINAL DA FITA 101/01-A]

C.T. - Existe uma dificuldade de identificar a discussão sobre projeto histórico, isto significa que a capacidade de crítica, o modo de produção capitalista e, dentro dele, como se dá a divisão social do trabalho, a propriedade e como isso se expressa no campo da cultura corporal... Tem dificuldades e mais dificuldades ainda para sistematizar indicativos de alternativas, de mudanças que venham a constituir um outro projeto histórico que tem que ser colocado em pauta para os estudantes, eles têm o direito de saber a que projeto histórico está servindo a formação deles. Portanto, eu quero neste depoimento deixar claro que ao tecer as minhas críticas, o faço porque amo esta Escola, porque reconheço esta Escola como determinante na minha formação e na minha atuação profissional e porque acima de tudo, tenho uma consciência de classe que me diz que enquanto patrimônio público, a universidade deve ser preservada, ela deve ser ocupada e ela deve produzir aquilo que tem de mais significativo para contribuir com o desenvolvimento da sociedade. É nesse sentido que eu me coloco, por amor à UFRGS, por amor à ESEF.

C.R. - Bom dona Celi, eu queria agradecer seu depoimento. E nos colocar inteiramente à disposição lá no Centro de Memória para qualquer coisa que a senhora precisar. Muito obrigada!

[FINAL DO DEPOIMENTO]